

Entevista a Humberto Mendes Bettencourt, com 95 anos, realizada em Abril de 2010

1-Fábio Mendes (F.M.) – Fale-nos, por favor, sobre a formação académica e musical da sua mãe.

Humberto Bettencourt (H.B) – o pai da minha mãe, Manuel Mendes Enes foi o maestro da primeira Filarmónica da Graciosa. Ensaiou os músicos e pô-los a tocar. Ele faleceu na Baía, Brasil. Foi com ele que minha mãe e as irmãs aprenderam a tocar. Todas três sabiam tocar piano. Na época não havia escola de música e meu avô arranjou uma aula de música na Filarmónica onde os rapazes aprendiam a tocar. A filarmónica formou-se e davam muitos concertos. De habilitações a minha mãe e as irmãs tinham o ensino primário completo até à 4ª. Classe. Eram três filhas – Júlia Mendes Enes, Maria Filomena Mendes Enes e Palmira Mendes Enes. O meu avô entusiasmou-se a tal ponto com a música que mandou vir um piano. O piano veio de Lisboa mas andava sempre por fora. Era um piano alemão bastante bom mas estava muito tempo emprestado ao Teatro para acompanhar espectáculos.

2-F. M. – Existia na Graciosa alguma escola de música nessa altura, escola onde se pudesse estudar piano?

H. B. – Não havia quem ensinasse. Estudavam por si. Mas havia na época da minha mãe à volta de 27 pianos na Graciosa e já naquela época se falava que a era a ilha dos Açores com mais pianos.

3-F. M. – A sua mãe dispôs desde de criança de um instrumento apropriado para a sua aprendizagem?

H. B. – O meu avô na própria casa tinha uma serralharia e foi ele que ensinou as filhas a tocar piano e encomendou um piano de marca alemã em Lisboa.

4-F. M. – Esse instrumento ainda existe?

H. B. – Existe. Pelo menos, julgo que sim. A minha mãe deixou-o no Salão Clube das Lages.

5-F. M. – Que idade tinha a sua mãe quando se apresentou ao público pela primeira vez? Em que circunstâncias aconteceu isso?

H. B. – Teria possivelmente mais de 10 anos. Das três irmãs a Júlia Mendes Enes, com 17 ou 18 anos passou a ser organista na Matriz de Santa Cruz e manteve esta colaboração durante talvez mais de 40 anos. O coro dessa época era muito exigente. O meu avô dava-lhes aulas de latim para se prepararem. Esta minha tia casou com um emigrante – Manuel Veríssimo Leite que regressou do Brasil e era do Bom Jesus. Pouco tempo depois do casamento voltaram para o Brasil e levaram o meu avô Manuel Mendes Enes, onde viria a falecer. A minha tia Filomena casou com Manuel Correia de Lima, professor primário. Quando a minha tia foi para o Brasil a minha mãe substituiu-a como organista na Matriz de Santa Cruz.

6-F. M. – Os ascendentes da sua mãe tiveram igualmente formação musical? Também tocavam piano?

H. B. – Sim. Eram autodidactas. A minha mãe, por exemplo, falava e escrevia francês porque tinha um método chamado “Francês sem Mestre”. Também existia o método “Inglês sem Mestre”.

7-F. M. – **O piano era o instrumento das meninas naquela época. E os senhores da família, aprendiam algum instrumento?**

H. B. – O meu avô ensinava quase todos os instrumentos e com certeza que os sabia tocar para poder ensinar. Mas não me recordo de o ouvir tocar nenhum em particular.

8-F. M. – **A sua mãe fazia referência a outros indivíduos da sua geração que tiveram igualmente formação musical?**

H.B. – Na época da minha mãe havia já vários pianos mas era difícil encontrar quem ensinasse. Na Praia, por exemplo, existia piano na casa do sr. Manuel da Cunha, pai de duas senhoras que também tocavam piano – D. Georgina e D. Maria Carmina. O pai delas emigrou clandestinamente para os E.U.A.

9-F. M. – **Que papel desempenhava o piano na vossa casa? E que papel desempenhava, em concreto, o piano na vida da sua mãe? Ou por outras palavras, em que contextos se ouvia o piano na vossa casa?**

H. B. – A minha mãe era contratada para tocar em espectáculos e pagavam-lhe para isso. Também na Matriz lhe pagavam para ser organista. O coro dessa época tinha muitos homens de Guadalupe como o sr. Manuel Inácio, o professor Verdete e outros. O sr. António Jerónimo, homem de idade avançada que se escondia nos saguões quando via um automóvel, era o sacristão da época e batia à janela de casa e dizia minha mãe – “Que foi sr. António?” E ele respondia “ O sr. Vigário manda dizer que as Matinas começam às nove e meia!”. Era também encantador – arranjava louças e coisas. Era também ele que dava ao fole no órgão e tinha muito medo dos automóveis. Escondia-se nos saguões das casas quando via um em andamento.

10-F. M. – **E fora de casa, a sua mãe apresentava-se publicamente tocando piano? Em que espaços e em que ocasiões?**

H.B. – A minha mãe foi contratada para tocar durante as exposições de cinema mudo. Esteve na Graciosa um sr. Ataíde que tocava violino e que vivia no Brasil. Durante os dois meses que passou na Graciosa acompanhavam os filmes mudos. Quem passava os filmes era o sr. Marcelo Pamplona, o sócio gerente do teatro. Para bailes de Carnaval a minha mãe também era contratada. Na terça-feira de Carnaval o Baile no Teatro ia até às 7 da manhã. Saímos de manhã do Baile e íamos para cima do cais, à Calheta, para ver chegar o vapor. Os bailes tinham danças de roda com viola da terra e música tradicional e tinha música de pares, ligeira e moderna para a época.

11-F. M. – **Vamos falar um pouco de repertório e também do gosto musical da sua mãe. Que tipo de repertório interpretava ela em espaços privados – em casa – e que tipo de repertório interpretava em espaços públicos?**

H. B. – A minha mãe tocava nos filmes conforme o que aparecia nos filmes por isso via o filme com antecedência antes da estreia. Quando vinham artistas de fora a minha mãe acompanhava-os. Os últimos artistas que ela acompanhou foram o casal italiano com o nome Bellinis, que faziam espectáculo de variedades. Ela também acompanhou vários rapazes cantores, um deles era do Alentejo, não me recordo do nome dele.

12-F. M. – **Falando em repertório, como fazia a sua mãe para ter acesso ao repertório que lhe interessava?**

H. B. – a minha mãe mandava vir de uma casa de Lisboa. Vinha o catálogo com 12 partituras de cada vez, para si e para as suas alunas. Era na casa Sasseti. Confiavam na minha mãe e ela depois pagava-lhes e ficava com aquelas que lhe interessavam.

13-F. M. – **A sua mãe encarava o piano como profissão ou como passatempo?**

H. B. – o piano, para além da educação dos filhos, era a sua única ocupação. Ela dava aulas pagas para contribuir para o sustento da casa. Há um episódio engraçado. A minha mãe teve pelo menos 5 boas alunas de piano. E uma delas em viagem no Carvalho Araújo para as Festas de Santo Cristo em São Miguel sentou-se a tocar piano no salão. Foi aí que um senhor encantado pela sua maneira de tocar lhe perguntou se era descomprometida. Ela respondeu afirmativamente e passado pouco tempo casaram e foram viver para o Faial. Para se ver como era importante uma senhora saber tocar piano. A Graciosa era das ilhas dos Açores que mais pianos tinha. A minha mãe copiava muita música para enviar para os E.U.A. e também pintava quadros em tela ou em tecidos, muitas vezes em cetim para o enxoval das noivas. Fazia coroas de flores para funerais, etc. O método de piano usado pela minha mãe era alemão. Era o método de A. Schmoll. Era constituído por cinco volumes. A minha mãe chegou a trocar correspondência com o sr. Schmoll, apresentando-lhe algumas dúvidas respeitantes à forma de execução de alguns pormenores. Eu penso que ainda tenho essas cartas. A minha mãe escrevia-lhe em francês. O meu pai era aferidor de pesos e de medidas, uma espécie de fiscal, pertencia à Câmara e fiscalizava o comércio. Morreu em 1937. Depois da morte dele eu empreguei-me num estabelecimento de fazendas em Santa Cruz e a minha mãe ganhava dinheiro com a música.

14-F. M. – **A sua mãe alguma vez tocou piano fora da Graciosa? Em contexto privado ou público?**

H. B. – foi tocar para companhias de teatro para o teatro angrense e para o teatro faialense. Eram amadores em teatro e faziam as suas digressões pelas ilhas. Houve uma comédia célebre que eles representaram – “Lapas e pão de milho”. No Teatro Angrense levaram a peça “Dr. Barão” e faziam parte da companhia o Dr. Gregório, o sr. Brivaldo. Ficaram hospedados no Governo Civil em camas emprestadas pelo Castelo de São João Baptista e fizeram grande sucesso em Angra e Horta. Foi talvez em 1934 ou 1935.

15-F. M. – **Desculpe a minha falta de pudor, mas o objectivo é traçar o perfil dos pianistas graciosenses durante a Primeira República – a sua mãe recebeu ou recebia alguma remuneração pela actividade musical que desempenhava?**

H. B. – A minha mãe cobrava 3 escudos e meio por cada hora a cada aluna. As aulas eram individuais. As aulas eram mais ou menos de 1 hora. Não sei quanto ganhava pelos espectáculos que ela dava. Mas não seria muito porque o teatro da Graciosa não era muito grande.

16-F. M. – **Qual a relação da sua mãe com o público? Sentia-se à vontade quando tocava em público? Sentia-se pressionada?**

H. B. – o público e os alunos gostavam muito dela. Ia muitas vezes tocar à freguesia da Luz, nos bailes. O presidente do clube, o sr. Lorenço Ortins, que foi emigrante nos E.U.A., casado com a D. Leonor Ortins mandava um automóvel vir buscá-la a Santa Cruz. Na Praia penso que a senhora D. Maria Carmina é que desempenhava essas funções por isso a minha mãe nunca actuou lá. Meu tio Manuel Correia de Lima, professor em Guadalupe, era irmão de António Maria de Lima.

17-F. M. – **E qual a relação do público com a sua mãe? Era acarinhada pelo público? Criticavam nela algum aspecto em especial, por exemplo, o seu gosto musical, a forma de interpretação?**

H. B. –nunca ouvi isso. Ela era muito alegre e fazia bailes muito alegres. Por isso todos gostavam dela.

18-F. M. – **Tem memória da sua mãe evocar algum episódio mais bizarro relacionado com as suas actividades musicais?**

H. B. – Não me recordo. Havia um sr. Barros, do continente, transferido para a Banda do Castelo de São João Baptista, onde tocava trompete. Era regente da Filarmónica Recreio dos Artistas em Santa Cruz da Graciosa. Tinha boa formação musical. Era músico militar. Casou na Graciosa e teve vários filhos. Um deles até era alfaiate. Havia concertos dados pelas pianistas de Santa Cruz – Ester Barbosa, esposa do sr. Brivaldo, a minha mãe e outras – e o sr. Barros, que também dava aulas de piano, criticava, claro, aquelas que não eram suas alunas.

19-F. M. – **E em relação ao gosto do público - a sua mãe alguma vez fez referência ao gosto do público da sua adolescência? Ou alguma comparação entre o tempo da sua mocidade e o da vida adulta?**

H. B. -

20-F. M. – **Havia consonância entre o repertório que a sua mãe gostava de interpretar e o repertório que o público gostava de ouvir?**

H. B. -

21-F. M. – **Recorda-se de alguma confiança da sua mãe face à obrigação de ter de tocar alguma peça que não seria do seu agrado?**

H. B. – ela não se aborrecia fosse com o que fosse e eu não me lembro de qualquer comentário dela sobre isso.

22-F. M. – **Que actividades desempenhou a sua mãe enquanto pianista?**

H. B. -

23-F. M. – Sabemos que foi professora de piano. Dava aulas em alguma escola? Em que período desempenhou essas funções?

H. B. – Enquanto viveu na Graciosa.

24-F. M. – A sua mãe alguma vez se lamentou por não ter sido uma pianista a tempo inteiro ou por não ter tido oportunidade de prosseguir estudos fora da Graciosa?

H.B. – Na altura não se falava em conservatório e ela fez um curso “caseiro” de piano e era isso que ensinava às suas alunas. Chegou a ter 3 ou 4 que mais se destaram. Uma era Domitília Augusto Gomes, da Graciosa, o pai montou barbearia na rua da minha mãe depois de regressar da América. Ele era Heitor Augusto Gomes e quando não tinha clientes debruçava-se na janela da minha mãe a observar as aulas de piano. Foi esta Domitília que conheceu o seu marido por causa do piano. Ela vinha de São Migeul com a avó, onde tinham ido para passar as Festas de Santo Cristo, e sentou-se ao piano do navio Carvalho Araújo a tocar e a cantar. Ela tinha uma voz muito boa. Nisso apareceu um rapaz do Faial que trabalhava para uma empresa francesa e ficou encantado com ela. Logo combinaram o casamento, numa questão de 3 a 4 dias estavam casados. E eu, que andava enamorado por ela, fiquei a ver navios. Élia Tristão da Cunha, filha do Joaquim Inácio da Cunha, que também tinha piano foi aluna da minha mãe. A minha mãe ía a casa dele para dar aula de piano à filha, onde lhe serviam o tradicional chá das cinco. Também aprendeu com minha mãe, Nizalda Santos, mas já mais tarde. Já eu estava na Terceira.

25. F.M. - Música clássica, em que contexto se ouvia?

H.B. - O que mais se ouvia era a música ligeira. Música clássica tocou uma vez por altura de um Concurso a nível da Graciosa. Concorreram várias pianistas contemporâneas da minha mãe. A filha do sr. Manuel Simas também participou. E todas tinham de levar uma peça clássica. Não me recordo quem ganhou.

26. F.M.- Em Lisboa ainda deu aulas?

H.B. – em Lisboa entregou-se totalmente à vida familiar.

F.M.- E na Terceira?

H.B. - Eu fui para o Castelo (vida militar) em 1933, com 18 anos. Na Graciosa as coisas não estavam a correr muito bem e a minha mãe foi viver com o filho Ezequiel na Terceira. Estava com dificuldades e teve de vender a casa na Graciosa. O meu irmão percebia de fotografia e foi trabalhar com os americanos nessa área. Para os americanos a minha mãe pintou vários quadros. Mas relacionava-se mais com os Oficiais portugueses. Inclusivamente ofereceu um quadro ao Comandante da Base. Era um quadro muito grande foi destinado ao Gabinete do Comandante. Nunca lá fui para ver se estava ou não. O tema do quadro pretendia retratar a viagem de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral. Por debaixo do quadro há uma inscrição feita pela minha mãe que diz o seguinte: “O beijo através do Oceano”. A minha mãe na Terceira

integrou a banda que animava o Clube dos Oficiais Portugueses. Também acompanhou muitos espectáculos pela Terceira, principalmente nas Lages. O piano que o meu avô comprou em Lisboa quando as filhas eram pequenas foi para a Terceira com a minha mãe e acabou por ficar nas Lages no salão onde a minha mãe tocava. Ainda hoje penso que estará lá. Também ficou no Teatro da Graciosa durante mais de três anos onde a minha mãe fez espacáculos com um violinista chamado Ildefonso Augusto Ataíde, cuja família regressou do Brasil. Nessa altura dirigia o Teatro Angrense o sr. Marcelo Pamplona, que trazia os filmes à Graciosa depois depois de passarem em Angra.

27. F.M. - E composições da sua mãe?

H.B- A minha mãe compôs pelo menos duas peças. Uma foi oferecida a um sr. Escriturário de uma fábrica de curtumes. Ela compunha por encomenda e também copiava muita música. Ela recebia muitas encomendas da América, de emigrantes que lhe pediam cópias de músicas que mais gostavam como por exemplo o Hino do Espírito Santo, o Hino Nacional, etc. eu recordo-me de ela as ter oferecido pianista D. Ália Santos, pianista do Teatro Angrense e esposa do Director da Orquestra do Teatro Angrense maestro Henrique Vieira da Silva.

28. F.M.- Após a morte do seu pai, a sua mãe era o único sustento da casa...

H. B. – eu fui trabalhar para uma loja de fazendas e ajudava financeiramente em casa. A Música era o sustento da minha casa através do trabalho da minha mãe. Tive uma prima Rosália Lima, filha de meu primo Licínio Lima Mendes, neta do meu tio Manuel Lima, professor no Guadalupe. Ela nasceu no Guadalupe e depois foi para os E.U.A.. Aí compôs várias peças para piano e de cada uma enviava-me uma cópia. Ela terá aprendido com a avó, irmã de minha mãe. Esta minha prima também tinha muito jeito para versejar.

F. M. – Sr. Humberto, os meus agradecimentos pela sua gentileza e atenção.